

## TABAGISMO ENTRE AGENTES COMUNITÁRIOS DE SAÚDE DO EXTREMO SUL DO BRASIL

DANIELLI PINTO BRANCALIONE<sup>1</sup>; LAÍNE BERTINETTI ALDRIGUI<sup>2</sup>; SONIA REGINA DA COSTA LAPISCHIES<sup>3</sup>; MARIANA DIAS DE ALMEIDA<sup>4</sup>; VANDA MARIA DA ROSA JARDIM<sup>5</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas – [danibrancalione@outlook.com](mailto:danibrancalione@outlook.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas – [laineba.bertinettialdrigui90@gmail.com](mailto:laineba.bertinettialdrigui90@gmail.com)

<sup>3</sup> Secretária Municipal de Saúde/Pelotas- [sonia\\_lapisx@hotmail.com](mailto:sonia_lapisx@hotmail.com)

<sup>4</sup> Universidade Federal de Pelotas – [almeidamarianadias@gmail.com](mailto:almeidamarianadias@gmail.com)

<sup>5</sup> Universidade Federal de Pelotas – [vandamrjardim@gmail.com](mailto:vandamrjardim@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

A Atenção Primária é a principal porta de entrada do sistema de saúde e permite estabelecer conexão entre os serviços de saúde e a comunidade, visando proporcionar qualidade de vida e promover o cuidado, através dos princípios do Sistema Único de Saúde (SUS) (BRASIL, 2012).

Neste cenário, no Brasil, entre outros profissionais atuam mais de 200 mil agentes comunitários de saúde (ACS), que por seu trabalho reconhecem as necessidades do território que atuam e fortalecem o vínculo entre a Atenção Primária e a comunidade (BRASIL, 2009).

O ACS é um trabalhador residente na área de atuação que tem como aspectos importantes no seu processo de trabalho a vigilância em saúde, a promoção e prevenção em saúde. Entretanto como trabalhador também está exposto a fatores de risco que podem impactar na sua condição de saúde.

Entre estas condições o consumo de tabaco se constitui em importante fator de risco para doenças crônico-degenerativas. O tabagismo é também reconhecido com uma doença crônica, sendo considerada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) uma das maiores causas de mortalidade e acarreta variadas doenças do trato respiratório. O objetivo do trabalho é identificar a prevalência e características relacionadas ao uso do tabaco entre Agentes Comunitários de Saúde.

### 2. METODOLOGIA

Este trabalho é um recorte da pesquisa “Processo de trabalho e seus impactos na condição de saúde de agentes comunitários de saúde na região sul do Rio Grande do Sul”, realizado com 599 Agentes Comunitários de Saúde (ACS), entre março de 2016 a abril de 2017, entre ACS pertencentes a 21 municípios da 21ª Região de Saúde do Estado do Rio Grande do Sul.

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas – UFPel, sob parecer nº 1.381.733. Os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Para o estudo foi utilizado a variável “Você é fumante?” (0) Não, (1) Sim, (2) ex-fumante, “Se sim:”, quantos anos é fumante/fuma; quantos cigarros você fuma por dia.

As variáveis independentes utilizadas foram: dados sócio-demográficos (sexo, idade, escolaridade e região da UBS), consumo de álcool; presença de problemas de saúde (asma, bronquite, depressão, insônia) e variáveis do contexto de trabalho (exposição à violência, faltas e sobrecarga).

As análises foram realizadas no software STATA 11.1. Foi estimado a prevalência de fumantes, não-fumantes e ex-fumantes. Para a análise bivariada utilizou-se como desfecho fumantes atuais, utilizando o p-valor menor que 0,05.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra de agentes comunitários do extremo sul do Brasil pode ser caracterizada como feminina (88,3%), urbana (73,8%), com idade média de 37,7 anos ( $dp=9,3$ ), com filhos (76,6%).

A prevalência de tabagismo foi de 13% (79), 6,01% de ex-fumantes e 80,8% de não fumantes. O tempo médio de exposição ao tabagismo foi de 17,59 anos ( $dp= 10,5$  anos), variando entre 1 ano a 40 anos). Os fumantes atuais consomem em média 14,8 cigarros / dia ( $dp = 8,7$ ), variando de 2 a 45 cigarros / dia.

O desfecho utilizado na análise bivariada foi fumo atual. A prevalência de fumo atual entre mulheres foi de 12,29% (65) e entre homens foi de 20% (14), apresentando um p-valor de 0,073. A prevalência de tabagismo aumentou conforme a idade, sendo de 9,66% (27) entre 19 e 30 anos, de 11,07% (37) entre 31 e 40 anos e de 17,70% (78) para aqueles entre 41 a 80 anos, com p-valor de 0,043).

O tabagismo também aumentou conforme consumo de álcool, sendo de 7,37% entre pessoas que não consomem bebidas alcoólicas, de 16,30% entre aqueles que bebem uma vez por mês ou menos, de 20,18% entre aqueles que consomem álcool de 2 a 4 vezes por mês e de 25% para aqueles que consomem 2 ou mais vezes por semana.

A escolaridade não se mostrou associada ao consumo de cigarros mesmo tendo prevalências menores entre aqueles com maior escolaridade (11,44%). A análise da região indicou que entre ACS de zonas urbanas a prevalência de tabagismo é de 15% (67) e na zona rural é de 7% (12), tendo um p-valor 0,018.

A prevalência de tabagismo foi maior em quem sofreu algum acidente de trabalho 20,31% (13), com p-valor de 0,075, que referiram faltar ao trabalho nos últimos 6 meses com 18,15 % e p-valor de 0,03 e apresentar algum problemas de saúde como depressão, com 27,06% e insônia, com 19,82%.

A prevalência de tabagismo entre ACS com bronquite foi maior, com 22,05% de fumantes e p-valor de 0,07.

A escolaridade ( $p=0,661$ ), a avaliação dos agentes pelo atendimento da estratégia de saúde da família ( $p= 0,599$ ), a violência no trabalho ( $p= 0,378$ ), a presença de diagnóstico de asma ( $p= 0,992$ ) e sobrecarga do trabalho ( $p= 0,485$ ), não apresentaram associações significativas com o tabagismo.

Um estudo realizado com 167 fumantes do Centro de Referência de Abordagem e Tratamento do Tabagismo da Universidade Estadual de Londrina e 272 não fumantes e doadores de sangue apresentaram a idade média 45 anos entre fumantes e 44 anos entre não-fumantes e a maioria do sexo feminino em ambos os grupos. O estudo investigou depressão entre fumantes, estimando uma prevalência de depressão moderada de 21,6%, de depressão leve de 15,0% e 12,6% de depressão grave (SANTOS; MATSUO; NUNES, 2010).

Uma pesquisa realizada em Belo Horizonte com os trabalhadores do Sistema Único de Saúde mostrou uma prevalência de 15,7% de consumo de tabaco, cuja idade média foi de 40,1 anos. Os agentes comunitários de saúde apresentaram prevalência de 13,6%. E o uso do tabaco é maior entre profissionais que atuam diretamente com os clientes do serviço de saúde. (BARBOSA; MACHADO, 2015).

O consumo de cigarros por dia deste estudo se aproximou de Silva, et al (2008), que encontrou um consumo entre 3 e 20 cigarros/ dia. Neste estudo os profissionais relatam se sentirem mais relaxados, referem prazer e força de vontade ao realizar tarefas quando fumam.

Entre estudantes de medicina a prevalência de tabagismo foi de 10,1%. O estudo destaca as doenças no trato respiratório e que o consumo do tabaco aumentou conforme os anos na faculdade. MENEZES, et al (2004). A pesquisa de Botelho, da Silva, Melo (2011) da mesma forma realizou estudo com estudantes da área da saúde, apresentando uma prevalência de fumantes de 17,4 %. O estudo discute os fatores que dificultam a cessação do consumo do tabaco, indicando depressão, ansiedade e dependência. Os dois artigos, enfatizam a importância do papel do profissional da área da saúde, no sentido de promover qualidade de vida.

#### 4. CONCLUSÕES

Nos resultados dos estudos encontrados e nas buscas bibliográficas observou-se uma associação entre tabagismo e depressão. Verifica-se a necessidade de executar estratégias para a cessação do tabagismo que consideram a complexidade do tema. Vale ressaltar também uma maior efetivação de estratégia para os trabalhadores da saúde, com ações de promoção e prevenção em saúde.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA L.F.M; MACHADO C.J. Fatores socioeconômicos e culturais associados à prevalência de tabagismo entre trabalhadores do Sistema Único de Saúde em Belo Horizonte. **Revista Brasileira Epidemiologia**. Belo Horizonte, v. 18, n.2, p. 385-397, 2015. Disponível em:<  
[http://www.scielo.br/readcube/epdf.php?doi=10.1590/1980-5497201500020008&pid=S1415-790X2015000200385&pdf\\_path=rbepid/v18n2/pt\\_1415-790X-rbepid-18-02-00385.pdf&lang=pt](http://www.scielo.br/readcube/epdf.php?doi=10.1590/1980-5497201500020008&pid=S1415-790X2015000200385&pdf_path=rbepid/v18n2/pt_1415-790X-rbepid-18-02-00385.pdf&lang=pt)>. Acesso em: 28 ago.2019.

BOTELHO C; da SILVA M.P; MELO C.D. Tabagismo em universitários da ciência da saúde: prevalência e conhecimento. *Jornal Brasileiro de Pneumologia*, Mato Grosso, v.37, n. 3, p. 360-366, 2011. Disponível em:<  
<http://www.scielo.br/pdf/jbpneu/v37n3/v37n3a13.pdf> >. Acesso em: 09 set. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. **O trabalho do Agente Comunitário de Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2009. Disponível em:<  
[http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/geral/manual\\_acs.pdf](http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/geral/manual_acs.pdf) >. Acesso em: 28 ago. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Atenção Básica**. Brasília: Ministério da Saúde, 2012. Disponível em: <  
<http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/geral/pnab.pdf> > Acesso em: 28 ago. 2019.

da SILVA L.M; de LACERDA J.F.A; de ARAÚJO E.C; CAVALCANTI A.M.T.S. Prevalência do tabagismo entre profissionais de saúde. **Jornal de Enfermagem UFPE Online**. Recife, v.1, n.1, 2008. Disponível em: <  
<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/5405/4625>>. Acesso em: 28 ago. 2019.

de CASTRO; M.R.P; MATSUO T; NUNES S.O.V. Características clínicas e qualidade de vida de fumantes em um centro de referência de abordagem e tratamento do tabagismo. **Jornal Brasileiro de Pneumologia**, São Paulo v. 36, n. 1, 2010. Disponível em: <  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1806-37132010000100012](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-37132010000100012)>. Acesso em 09 set. 2019.

MENEZES A.M.B; HALLAL P.C; SILVA F; SOUZA M; PAIVA L; D'ÁVILA A; WEBER B; VAZ V; MARQUES F; HORTA B.L. Tabagismo em estudantes de Medicina: tendencias temporais e fatores associados. **Jornal Brasileiro de Pneumologia**. Pelotas, p.. 223-228, 2004. Disponível em <  
<http://www.scielo.br/pdf/%0D/jbpneu/v30n3/v30n3a07.pdf>>. Acesso em 28 ago. 2019.